

LUZ EM MEIO À NEBULOSIDADE: ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DO ENSINO HÍBRIDO

LIGHT THROUGH NEBULOSITY: PSYCHOPEDAGOGICAL PERFORMANCE BEFORE HYBRID TEACHING LEARNING DIFFICULTIES

LUZ EN LA NIEBLA: DESEMPEÑO PSICOPEDAGÓGICO ANTE DIFICULTADES DE APRENDIZAJE DE LA EDUCACIÓN HÍBRIDA

Angélica Luciano da Costa Almeida¹
Luciane Aparecida de Souza Prestes²

Resumo

Este artigo apresenta as consequências da pandemia para todo ser aprendiz, em especial as crianças. No calar da noite, o mundo se viu em confinamento social. Para um aprendizado correto, o ser humano necessita de socialização. Um aprendizado incorreto, o estresse e incertezas do momento fazem com que surjam dificuldades de aprendizagem, que ocorrem devido a falhas no processo de aprendizagem. O psicopedagogo é o profissional habilitado para ajudar pessoas com qualquer problema na aprendizagem, porém ele também se viu em meio à reinvenção e à evolução do momento, pois terapias foram interrompidas e passaram a se fazer *online*. O objetivo é explanar sobre as consequências do modelo de ensino remoto adotado no Brasil, em especial no Distrito Federal, e como a atuação psicopedagógica é essencial, embora pouco valorizada. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e descritiva. O psicopedagogo deve ter a sua importância reconhecida na sociedade, pois é luz na escuridão devido ao seu olhar cuidadoso, mesmo em momento pandêmico, onde a preocupação com o próximo é constante.

Palavras-chave: psicopedagogo; dificuldades de aprendizagem; teorias da aprendizagem; ensino híbrido.

Abstract

This article presents the pandemic consequences for every learner, especially children. In the dead of night, the world found itself in social confinement. For correct learning, human beings need socialization. Incorrect learning, the stress, and uncertainties of the moment lead to learning difficulties, which occur due to failures in the learning process. The psychopedagogue is the professional qualified to help people with any learning problem, however, he also found himself in the midst of reinvention and the evolution of the moment, as therapies were interrupted and started to be done online. The objective is to explain the consequences of the remote teaching model adopted in Brazil, especially in the Federal District, and how the psychopedagogical performance is essential, although undervalued. The methodology used was bibliographic and descriptive research. Psychopedagogues must have their importance recognized in society, as they are light in the dark due to their careful look, even in a pandemic moment, where concern for others is constant.

Keywords: psychopedagogue; learning difficulties; learning theories; hybrid teaching.

Resumen

Este artículo presenta las consecuencias de la pandemia para todos los estudiantes, especialmente los niños. Entre gallos y medianoche, el mundo se encontró en confinamiento social. Para un correcto aprendizaje, el ser humano necesita socialización. Un aprendizaje incorrecto, el estrés y las incertidumbres del momento hacen que surjan dificultades de aprendizaje, que suceden por fallas en el proceso de aprendizaje. El psicopedagogo es el profesional capacitado para ayudar a las personas con cualquier problema de aprendizaje, sin embargo, él también se ha visto en medio de la reinvención y de la evolución del momento, porque las terapias se interrumpieron y comenzaron a

¹Acadêmica no curso de psicopedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: angelicabr.enf@gmail.com.

² Professora no Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: luciane.pr@uninter.com.

hacerse en línea. El objetivo es explicar las consecuencias del modelo de educación a distancia adoptado en Brasil, especialmente en el Distrito Federal, y cómo la actuación psicopedagógica es fundamental, aunque poco valorada. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica y descriptiva. El psicopedagogo debe tener su importancia en la sociedad reconocida, pues es luz en la oscuridad, por su mirada atenta, incluso en momento pandémico, cuando la preocupación por el prójimo es constante.

Palabras-clave: psicopedagogo; dificultades del aprendizaje; teorías del aprendizaje; educación híbrida.

1 Introdução

E de repente o mundo acordou em escuridão. 2020, o ano que não acabou. As consequências pandêmicas não serão vistas somente em 2021 ou 2022. A sociedade não será mais a mesma. A palavra do momento é transformação. O mundo globalizado, pós-moderno e digital, nunca passou por algo tão catastrófico, que atinge todos os países, ricos ou não. Incertezas em todos os segmentos — políticos, econômicos, sociais e educacionais — moldam a sociedade. Como tem se comportado a educação frente a essas mudanças tão repentinas? Os macro e microssistemas educacionais estão preparados para alterar, minimamente ou não, a forma de ensinar? A tecnologia segregatória criará um abismo social? Estudantes terão um olhar cuidadoso para detectar suas dificuldades de aprendizagem? Qual o papel do psicopedagogo em meio à pandemia, ensino remoto e dificuldades de aprendizagem?

O cenário atual e suas consequências ainda são obscuros. Várias áreas, sejam biológicas, sociais, políticas, econômicas e educacionais, procuram métodos, através de pesquisas, para amenizar as possíveis consequências que a pandemia e o vírus Sars-CoV-2 trarão. O isolamento social é uma realidade. Quais as consequências dessa interrupção necessária da sociabilidade humana?

Com base nas premissas apresentadas, o objetivo do artigo é a (re)construção da *práxis* do psicopedagogo, com seu olhar cuidadoso e sua contribuição para a aprendizagem eficaz. Ora, o ser humano é um ser social, segundo Vygotsky (2007), e sua aprendizagem está atrelada à sociabilidade. Logo, têm-se dois obstáculos para a aprendizagem eficaz: o ensino remoto com sua didática nem sempre inclusiva e a falta de sociabilidade.

São necessárias pesquisas envolvendo essas problemáticas para prevenir e até mesmo intervir nas dificuldades de aprendizagem; o psicopedagogo, que estuda a aprendizagem e possíveis interferências, é o profissional que poderá auxiliar estudantes com suas dificuldades, clínica ou institucionalmente. Mas como realizar interferências em meio ao ensino remoto e isolamento social?

2 Ensino híbrido: quando a educação exclui

Como o sujeito aprende? O que pode interferir no processo de aprendizagem? O psicopedagogo é o profissional apto para buscar respostas.

A Psicopedagogia surgiu inicialmente como um elo entre a Pedagogia e a Psicologia, ou seja, saúde e educação. Esta ciência busca respostas sobre como o indivíduo aprende, prevenção dos problemas de aprendizagem, avaliação e intervenção de possíveis dificuldades e/ou distúrbios de aprendizagem.

Atualmente, a Psicopedagogia não é vista somente como uma ponte entre Pedagogia e Psicologia, pois incorporou saberes de várias áreas como Psicanálise, Antropologia, Neurociência, Filosofia, por exemplo, o que a faz interdisciplinar. Essa interdisciplinaridade faz com que a Psicopedagogia seja confundida com outras profissões e que ainda não tenha um real reconhecimento pela sociedade brasileira.

O psicopedagogo conta com um olhar investigativo: escuta através do silêncio, observando gestos, fisionomias, comportamentos, dificuldades emocionais e/ou cognitivas. Após a investigação, que também tem caráter interventivo, o psicopedagogo é capaz de relatar os possíveis obstáculos à aprendizagem, como superá-los e se há necessidade de encaminhamento para outros profissionais — como o assistente social, fonoaudiólogo, psicólogo, psiquiatra ou neurologista, por exemplo.

O psicopedagogo tem diversas áreas de atuação: clínicas, escolas, hospitais, empresas, asilos, por exemplo. O clínico é aquele que dispõe de meios teóricos e práticos para avaliar o aprendiz, os motivos e as pessoas que o levaram ao consultório psicopedagógico. A partir da queixa inicial, pode-se traçar a avaliação com caráter interventivo, pensar em uma intervenção eficaz e aplicá-la, avaliar a eficácia intervencional e corrigi-la, caso necessário e conforme a resposta do aprendiz. Este profissional acredita que o ensinar não precisa seguir modelos rígidos e sem questionamentos (BOSSA; OLIVEIRA, 2007). Ensinar e aprender é demonstrar ao aprendiz como identificar um problema, planejar soluções e objetivos, aplicar o planejamento, avaliar se o resultado foi positivo ou negativo e, no caso de erro, fazer adaptações no planejamento, até que se consiga o resultado esperado. Deve-se utilizar o erro como uma ferramenta de aprendizagem.

No caso da atuação em ambiente escolar, o psicopedagogo auxiliará o aprendiz a encontrar formas de alcançar o aprendizado eficaz, seja adaptando metodologias, instrumentos ou até mesmo intervindo (nunca interferindo) no socioemocional. O ambiente escolar necessita de vínculo positivo entre escola/aluno/família. Como assessor, o psicopedagogo orientará toda a equipe multidisciplinar da escola, além de alunos e famílias. Esse profissional tem como objetivo conhecer os processos de aprendizagem, normais ou patológicos, e como fatores

familiares, escolares, emocionais, cognitivos, biológicos, sociais, por exemplo, podem interferir e desencadear um problema ou dificuldade de aprendizagem.

Dificuldade de aprendizagem é o termo genérico para designar obstáculos durante o processo de aprender. Costuma-se dizer que o sujeito não tem, mas está com uma dificuldade, pois não se trata de um distúrbio ou transtorno, que são disfunções neurológicas. As dificuldades de aprendizagem devem ser encaradas pelo profissional como uma forma de estimular os atores do processo ensino-aprendizagem individualmente.

Uma grande parte dos aprendizes com alguma dificuldade de aprendizagem demonstra que o não aprender ocorre por falta de propostas e condições educacionais apropriadas ao seu contexto, refletindo, na realidade, deficiências do ensino.

Para Feuerstein (2012), a dificuldade de aprendizagem ocorre por falha, irregularidade ou insuficiência na mediação ensinante/aprendiz, acarretando disfunções cognitivas que podem resultar em fracasso escolar. Paín (1985) compreende a dificuldade de aprendizagem como um sintoma de algo maior e que necessita ser investigado, conhecido e explicado, com base na Epistemologia Genética e Psicanálise. Fernández (2001) diz que a dificuldade de aprendizagem é um enigma que precisa ser resolvido através do atendimento psicopedagógico, com olhar e escuta articulados para definir os fatores e processos na aprendizagem do sujeito, além dos vínculos estabelecidos com a aprendizagem.

Fernández (2001), baseada na Epistemologia Genética de Piaget, acredita que, para um processo de aprendizagem efetivo, é necessário o estabelecimento de uma interação entre os sujeitos/objetos envolvidos, além de maturação e estimulação dos processos cognitivos.

Na teoria piagetiana da aprendizagem, genético se entende no sentido de “gênese” ou “origem”. O aprendizado é algo que o aprendiz permite a partir da sua evolução mental. Os conflitos que o meio oferece ao sujeito obrigam à adaptação e conseqüente aprendizado, ou seja, à autoconstrução do conhecimento (DÍAZ, 2011). O aprendizado não vem do meio e é recebido passivamente, mas é elaborado a partir de informações que se retomam e se reesturam no sujeito aprendiz que, por sua vez, adiciona ou elimina elementos a partir de suas experiências, na autoconstrução da aprendizagem. A partir da ação com os objetos, o sujeito aprende: o mesmo sujeito modifica o meio e modifica a si mesmo.

Para Piaget (2013), a aprendizagem ocorre a partir da assimilação, acomodação, equilíbrio e conseqüente esquema mental. Na assimilação ocorre o contato do sujeito com o meio/objeto e a retirada de algumas informações com posterior incorporação. Na acomodação há reajustamento na estrutura cognitiva do sujeito, a partir da relação que estabelece com o objeto/meio e sua incorporação. Na equilíbrio, as experiências que foram incorporadas às

estruturas cognitivas são modificadas, atingindo um novo nível. Porém, para haver desenvolvimento cognitivo e até mesmo afetivo, o sujeito aprendiz deve ter um motivo que o impulse, ou seja, um desequilíbrio manifestado inicialmente, um ambiente propício ao amadurecimento e estímulos necessários (PIAGET, 2013).

Piaget (1999) divide o desenvolvimento da criança/adolescente em períodos e estágios, que começam no nascimento, passam por uma cognição elementar (instintiva) para uma cognição superior. Os períodos são:

- Sensório-motor (0 a 2 anos): primeiros contatos com o meio. É fundamental para o desenvolvimento cognitivo posterior, pois é a base de todos os processos cognitivos;
- Pré-operatório (2 a 7 anos): a transição, não abrupta, da inteligência sensório-motora à inteligência representativa (operatória);
- Operatório concreto (7 a 11 anos): o sujeito se torna operatório com a aquisição da reversibilidade lógica;
- Operatório formal (de 11 a 15 anos): todas as estruturas e operações construídas até os 11 anos são concretizadas, ligando as ações do sujeito sobre os objetos/meio. Entre 11 e 15/ 16 anos, as operações irão se desligar progressivamente do plano concreto e, como resultado, o adolescente tem acesso a um raciocínio hipotético-dedutivo.

A teoria da aprendizagem, com base nas relações socio-históricas e culturais, é uma das mais aceitas atualmente e tem Vygotsky como desenvolvedor inicial. A teoria sociointeracionista de Vygotsky diz que a aprendizagem ocorre quando o sujeito entra em contato com novas culturas e se formam novas aprendizagens. A sociabilidade é vital na teoria sociointeracionista e sem ela a aprendizagem não ocorrerá de forma satisfatória (CORRÊA, 2017).

Vygotsky (2007) tem como base da sua teoria os conceitos de zona de desenvolvimento real, zona de desenvolvimento proximal, zona de desenvolvimento potencial e mediação. O autor acredita que nem sempre o desenvolvimento e maturidade nervosa irão garantir uma aprendizagem eficaz (DÍAZ, 2011). Antes de Vygotsky, costumava-se mensurar o que o sujeito sabia ou não; o fato de a aprendizagem não ser satisfatória, poderia ser por fatores internos (como maturidade nervosa, por exemplo) ou por fatores externos (como metodologia, interação, condições socioeconômicas e culturais, por exemplo). Vygotsky (2007) demonstrou que a criança não sabe o que fazer, mas já tem um conhecimento real. Ocorre a mediação, onde a criança é auxiliada por alguém que tem maior conhecimento naquilo (professor, familiar, colega

de classe, por exemplo) e alcançará um resultado que pode até não ser o correto, porém com a prática e observação do erro, se reduzirá a necessidade de intervenção. Quando a criança, mesmo com mediação, não consegue atingir um resultado esperado, demonstra falta de maturidade para aquela tarefa.

Na aprendizagem, o sujeito passa de níveis de desenvolvimento inferiores para superiores. A etapa intermediária entre o nível inferior e superior, Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento proximal (DÍAZ, 2011). Por exemplo, a maioria das crianças com 4 anos de idade não está apta para aprender a ler e escrever, porém já há traços dessa capacidade. A zona real é o que a criança faz sozinha, a potencial é o que a criança faz sob orientação e a zona proximal é a intermediária. A zona de desenvolvimento proximal demonstra que a criança já está quase com o nível da zona de desenvolvimento potencial estabelecido. A zona proximal do aprendiz deve ser descoberta psicopedagogicamente para que haja estímulo correto e se vise uma aprendizagem satisfatória.

A aprendizagem para Vygotsky (1995) é mediada, ou seja, o sujeito se apropria do conhecimento por meio de uma relação estabelecida entre sujeito/aprendiz e o meio/objeto, a partir da mediação de sujeitos mais experientes. A mediação possibilitará o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, desde que seja estimulado e despertado o desejo de aprender.

Então, chega-se aos anos de 2020 e 2021. Uma pandemia sem precedentes, disparidades socioeconômicas e culturais da e na população brasileira ficam mais evidentes, caracterizando uma pandemia social. Adota-se o ensino híbrido, por recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS..., 2020), mas educadores e governantes parecem ignorar as teorias da aprendizagem, principalmente o construtivismo e o interacionismo, recomendados aqui no Brasil, e as consequências desse aterrador momento para todos os nossos aprendizes são graves (BRASIL, 2020).

2.1 Metodologia

O presente artigo utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica e descritiva.

As bases de dados para a pesquisa bibliográfica foram as plataformas “Google Acadêmico” e “SciELO”. As palavras-chave para a pesquisa foram “dificuldade de aprendizagem”, “psicopedagogo”, “ensino híbrido durante a pandemia” e “teorias da aprendizagem”. Também se utilizou a pesquisa de autores renomados para a área psicopedagógica, como Fernández, Paín, Piaget e Vygotsky.

Houve a participação no grupo de iniciação científica do Centro Universitário Uninter. A linha de pesquisa de todo o grupo *Vozes da Pedagogia* foi *Educação a distância, metodologia e inovação*, coordenada pela professora Dra. Gisele de Cordeiro. O livro base para todas as discussões foi *Educação em tempos de Covid: reflexões e narrativas de pais e professores*. A partir de observações e discussões, foi possível adotar a metodologia descritiva. Observaram-se as características do ensino híbrido em todo o Brasil e discutiu-se sobre possíveis consequências e soluções a curto e longo prazo. Eram poucos os acadêmicos em Psicopedagogia (licenciatura ou bacharelato) participantes da iniciação científica; a maioria era do curso de Licenciatura em Pedagogia. Isso demonstra o quanto há de se estimular as pesquisas relacionadas com a Psicopedagogia, seus saberes e fazeres, e com a aprendizagem eficaz e estimulante para todos.

A observação das atitudes governamentais e institucionais do Estado residente (Distrito Federal) trouxe questionamentos quanto ao momento pandêmico e à adequação do direito constitucional à educação. Analisando o ano de 2020 e início de 2021, se pode questionar o motivo governamental de pouco ou nada se preocupar com o acesso e a qualidade do ensino público ofertado a milhares de educandos, enquanto as escolas particulares lutam por uma adaptação contemplativa à escola, aluno e família. Não se discutem as consequências socio-históricas e culturais para a sociedade e tampouco as soluções para amenizar os déficits na aprendizagem do período. Problematizar o momento educacional, para a maioria da sociedade do Distrito Federal, é ser insensível a “problemas maiores”, como o desemprego e a dificuldade de acesso à saúde, por exemplo. Mal sabe a sociedade que a falta de uma educação de qualidade é uma das principais causas das mazelas sociais.

A pesquisa notou que é praticamente inexistente a figura do psicopedagogo nas escolas públicas do Distrito Federal, porém, nas escolas particulares, ele é visto como vital e assessoria a escola/aluno/família. A mídia local não fala do psicopedagogo e sobre como sua atuação poderia ser salutar na prevenção de problemas de aprendizagem, adequação metodológica e assessoramento institucional, demonstrando o quanto a profissão precisa, aos moldes da Argentina, ser (re)inventada e (auto)conhecida na sociedade brasileira.

2.2 Em meio à escuridão, seja luz!

O ano de 2020 começou com uma ameaça que logo se tornou realidade em todas as nações: o vírus Sars-Cov2, causador da Covid-19. Não nos atentaremos a questões biológicas, porém às consequências sociais e educacionais. A pandemia viral deixou mais evidente o

quanto há de abismo social no Brasil. Pode-se falar em pandemia social, onde não somente o vírus e a Covid-19 matam, mas o desemprego, a falta de moradia, a falta de acesso à saúde e até mesmo à educação básica, destroem. Atualmente, final de março de 2021, vive-se uma nova onda viral, mais ameaçadora e mortal, porém a população, que não foi educada (aprender a aprender) pelos governantes preocupados com seus egos, não possui as armas necessárias para a luta e a fadiga mental e social é evidente.

Em meio ao caos social, governantes de todo o Brasil adotaram o sistema de ensino híbrido para a continuidade educacional. Na teoria, o sistema híbrido é muito bom: alia abordagens presenciais e a distância, promovendo a autonomia do aprendiz. Porém, no Brasil há mazelas sociais que assombram a sociedade. O sistema híbrido adotado é emergencial e não conta com fundamentações, leis, acesso facilitado, como, por exemplo, uma faculdade a distância, com fundamentação teórica, legal e metodológica. O sistema híbrido atual não conta com metodologias ativas, acessibilidade, interação, recursos humanos e materiais (ARRUDA, 2020). A individualidade do aprendiz não é respeitada. Supondo que no Brasil a população tenha acesso a recursos tecnológicos diversos e necessários e que nenhum aluno utilize a escola para suprir necessidades alimentares básicas (falácias!), o ensino híbrido é questionável.

No Distrito Federal, o ensino híbrido das escolas públicas ainda demonstra a falta de governabilidade e de pedagogias concretas. As aulas das escolas públicas no DF foram interrompidas no dia 12 de março de 2020 (somente uma semana após o ano letivo de 2020). A Secretaria de Educação (DF, 2020) só disponibilizou uma solução em julho de 2020: vários alunos à mercê do ócio e com a saúde mental e social abaladas. Através de plataforma própria, disponibilizaram atividades aos alunos e, através de um canal televisivo, toda a rede pública assistiria às explicações. Claro que fracassou. O aluno que não possuía acesso às tecnologias deveria buscar o material impresso na escola de origem, ler e resolver só. Muitas crianças, devido a dificuldades didáticas, falta de estímulo à aprendizagem, evadiram. Em 2021, o cenário continua quase o mesmo. As aulas públicas voltaram, porém totalmente remotas e através da mesma plataforma, que continua apresentando problemas quanto à acessibilidade.

As escolas particulares do Distrito Federal, no entanto, já utilizavam recursos tecnológicos em seu dia-a-dia. Houve, óbvio, adaptações na utilização e, em um primeiro momento, todas as aulas eram *online*, porém de forma síncrona, ou seja, com interação aluno/professor ao vivo. Posteriormente, as escolas particulares adotaram todas as ações sanitárias necessárias, fizeram campanhas educacionais conscientizando sobre a importância do uso de medidas profiláticas, dividiram as turmas, de maneira que metade da turma estaria em aula presencial e a outra em aula síncrona, de forma alterna em cada semana. Manteve-se

o distanciamento, o uso de máscaras e a opção de se ter aulas totalmente remotas (casos de familiares ou o próprio aluno com comorbidades).

O sistema híbrido nos moldes atuais, ao menos no Distrito Federal, criará um abismo social ainda maior e vários anos e muitas ações sociais, políticas, econômicas e educacionais serão necessários para diminuir a diferença. A aprendizagem, segundo Vygotsky (1995), também será prejudicada, pois haverá problemas na mediação, metodologia, estímulo, observação das individualidades, falta de ambiente que proporcione a maturidade cognitiva, falta ou deficiência das interações socio-históricas e culturais, entre outros fatores. A zona de desenvolvimento proximal necessita de mediação adequada para se tornar potencial. O resultado será indivíduos com problemas na aprendizagem, que poderão sofrer com a estigmatização social por “não aprender”, quando, na verdade, não se criou um vínculo positivo com a aprendizagem e seus sujeitos/métodos.

A aprendizagem, para Piaget (1999), depende dos estágios de cada sujeito. Como ensinar a criança da educação infantil psicomotricidade sem ver e saber suas particularidades? A aula do ensino remoto costuma ser monótona; quanto menor a idade da criança, menos terá habilidade de atenção frente a um computador ou uma televisão, por exemplo. Os professores não conseguem estimular corretamente durante as aulas virtuais e nem sempre a família contará com disposição cognitiva, emocional ou social para auxiliar (falhas na mediação). Os resultados serão falhas na assimilação, acomodação e consequente equilíbrio.

E o caso do aprendiz que possui particularidades em seu processo de aprendizagem? Autistas, por exemplo, que possuem algum déficit nas funções executivas que resultam em dificuldade de socialização, não serão estimulados corretamente e poderão regredir em seus vínculos sociais e, conseqüentemente, na aprendizagem.

O psicopedagogo tem ação não só interventiva, mas também preventiva nos processos de aprendizagem e seus possíveis desvios. No ensino híbrido, a atuação do psicopedagogo escolar, envolvido diretamente com a equipe multidisciplinar da escola, far-se-á tanto na assessoria, quanto nas particularidades de cada aluno e família. Como assessor escolar, guiará a equipe para a importância da formação continuada, da adaptação metodológica e prezará sempre pela saúde mental de todos, pois, para se ensinar bem, se deve estar bem. Com alunos e famílias, observará as individualidades, através de históricos pré-pandemia; fará mediação entre a escola e as famílias, procurando se manter à disposição para eventuais dúvidas ou sugestões no que diz respeito a melhorar metodologias; e realizará prevenção ou intervenção em possíveis problemas de aprendizagem. O momento exige pulso firme, porém com olhar e escuta atentos, buscando diminuir as interferências educacionais. Caso se perceba que o aluno

precisa de algo diferente da metodologia da escola, deverá pensar como auxiliá-lo, seja com tira-dúvidas individualizado ou com exercícios adaptados. Alunos com histórico de dificuldades ou transtornos de aprendizagem, ou com alguma particularidade como Transtorno do Espectro Autista, Mutismo Seletivo (ou eletivo), déficit intelectual, por exemplo, poderão ser encaminhados para o psicopedagogo clínico, que fará o atendimento individualizado. Intervirá nas dificuldades de aprendizagem apresentadas, através de entrevistas, anamnese, testes e outros, porém respeitando as particularidades do momento e se reinventando no atendimento que, por hora, deverá ser com distanciamento social.

3 Considerações finais

Aprender não é complicado, porém há processos, métodos, escutas. Cada aprendiz é único. A partir do momento que a educação se torna remota para crianças que ainda têm um caminho a ser seguido até o “aprender”, dificuldades surgirão.

É momento de adaptação e evolução. A aprendizagem passa por transformações e pode-se afirmar que o ensino nunca mais será o mesmo. O psicopedagogo, em meio a incertezas e revoluções, também irá se adaptar e evoluir. O que nos perguntamos é: “Como se dará esse processo?”, “Qual será o “novo olhar” psicopedagógico?”, “Como o aprendiz lidará com a sociabilidade?”.

A partir do que se apresentou, pode-se concluir, com ressalvas, pois se necessita observar os anos que virão, que:

O futuro não é certo, mas a evolução e revolução educacional iniciaram. O psicopedagogo deve acompanhá-las, sempre lembrando que o foco é a aprendizagem. Quem sabe utilizar recursos como softwares adaptados? Porém há um limite para o uso da tecnologia: deve haver equilíbrio entre o “tradicional” e o tecnológico.

Não podemos nos esquecer do estímulo à socialização e psicomotricidade, mesmo que remotamente, utilizando recursos lúdicos e de fácil acesso. O psicopedagogo, aliado à família e à escola, irá, através de entrevistas e observação de vídeos, desenhos, jogos, analisar o aprendiz e assim aplicar o que for necessário para prevenir ou interferir na dificuldade de aprendizagem.

O presencial dará espaço ao virtual? Não totalmente, pois carecemos de interações. A pandemia exigiu e exige medidas de emergência e nem sempre totalmente corretas, porém necessárias. O confinamento e o ensino remoto praticado nos moldes atuais são exemplos. Não nos esqueçamos que, segundo Freire (1981), “não há saber mais ou menos: há saberes

diferentes”. Da mesma forma, na atualidade, não há atendimentos psicopedagógicos mais ou menos, há atendimentos diferentes, respeitando, claro, teorias e protocolos.

Mas como e qual será esse novo olhar psicopedagógico? Incertezas...

Algo, porém, é certo: o psicopedagogo, seja clínico ou institucional, nunca cessará o seu caminhar em busca de luz transformadora na aprendizagem.

Todos são luz, educadores ou aprendizes; bastam estímulos corretos e a (re)volução educacional.

Referências

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em:

<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621> . Acesso em: abr. 2021.

BOSSA, N. A.; OLIVEIRA, V. B. **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos**: Psicopedagogia e Psicanálise. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação, Cultura e do Desporto. Portaria n. 376, de 03 de abril de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 01, Brasília, DF, ed. 66, p. 66, 06 de abr. 2020.

DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

DISTRITO FEDERAL. SEEDF. **Orientações à rede pública de ensino para o registro das atividades pedagógicas não presenciais**. Brasília: Secretaria de Estado de Educação, 2020.

CORRÊA, Crístia Rosineiri Gonçalves Lopes. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, set./dez. 2017.

FEUERSTEIN, Reuven. **What learning looks like**: mediated learning in theory and practice. New York: Teachers College Press, 2012.

FERNÁNDEZ, Alícia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1981.

OMS afirma que covid-19 é agora caracterizado como pandemia. OmS/ OPAS Brasil, 11 mar., 2020. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812 . Acesso em: abr. 2021.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre:

Artmed, 1985.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1999.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**. Madrid: Ed. Visor, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.